



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do 12º Congresso Nacional do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)

São Paulo-SP, 06 de novembro de 2009

Meu querido companheiro e amigo Renato Rabelo, presidente do Partido Comunista do Brasil,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus queridos companheiros ministros Tarso Genro, da Justiça; Orlando Silva, do Esporte; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Alexandre Padilha, de Relações Institucionais; nosso querido Samuel Pinheiro Guimarães, de Assuntos Estratégicos; Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; e o nosso companheiro Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos,

Meu querido companheiro governador Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meus queridos companheiros senadores Aloizio Mercadante e Inácio Arruda,

Meu querido companheiro deputado federal Daniel Almeida, líder do PCdoB na Câmara dos Deputados,

Ricardo Berzoini, presidente nacional do PT,

Rodrigo Rollemberg, representante do PSB,

Vieira da Cunha, representante do PDT,

Nosso querido companheiro Aldo Rebelo, em nome do qual saúdo os demais deputados federais aqui presentes,

Companheiro Haroldo Lima, presidente da Agência Nacional do Petróleo,



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Nossa querida companheira Luciana Santos, secretária de Ciência e Tecnologia de Pernambuco, na pessoa da qual saúdo as secretárias e secretários de estados,

Nosso querido companheiro Renildo Calheiros, prefeito de Olinda, na pessoa de quem saúdo todos os prefeitos aqui presentes,

Nosso querido companheiro Chagas – pense num “cabrinha” para falar tanto como este Chagas, pense,

Presidente nacional dos estudantes,

Companheiro Wagner Gomes, presidente da Central dos Trabalhadores,

Companheira Edíria Carneiro Amazonas, viúva do companheiro João Amazonas,

Companheiro Pedro Stédile, do Movimento dos Sem Terra,

Companheiro Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores,

Companheiro David Souza, secretário-geral da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura,

Companheiro Artur Henrique, presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores,

Companheiros e companheiras congressistas do PCdoB,

Companheiros representantes das delegações estrangeiras, e é importante a gente sempre lembrar que tem aqui 50 partidos estrangeiros representando 35 países que estão neste Congresso do PCdoB,

Companheiros da imprensa,

Convidados,

Líderes partidários – eu não sei se o Vaccarezza está aí ainda. Se não estiver, eu estou cumprimentando a companheira Marta Suplicy que estava aqui, ex-prefeita de São Paulo,

Companheiros e companheiras,



Eu preciso tomar muito cuidado com a Dilma porque o discurso dela está longo para quem é pré-candidata. De qualquer forma, não há nada que impeça o entusiasmo num momento como este, glorioso, em que o PCdoB está realizando o seu 12º Congresso.

Eu, meu companheiro Aldo, vim aqui não para fazer um discurso hoje. Eu vim aqui para agradecer essas duas décadas de relações que eu tenho com o PCdoB e que o PCdoB tem comigo. Duas décadas são uma geração. Certamente, o convívio de um casal, em 20 anos, eu tenho certeza de que tem dezenas de brigas no meio; e essa união entre o Lula e o PCdoB, nunca teve nenhum problema na nossa relação.

A minha gratidão ao PCdoB... porque é muito fácil a gente estar junto quando as coisas estão bem e é muito difícil a gente estar junto quando as coisas estão difíceis. Eu não me esqueço nunca do ano de 1989, quando as pesquisas de opinião pública me tiravam tantos votos, que eu pensei em desistir porque ia terminar a campanha devendo pontos para o Ibope. Eu tive uma conversa com o João Amazonas e disse para o João Amazonas: João, eu acho que está na hora de a gente pensar a minha candidatura. Eu saí de Teresina, fiz um comício com mais de 50 mil pessoas, aquele povo endoidecido na rua. Depois eu fui para Belém, mais de 40 mil pessoas no comício. Aí eu fui para o Amazonas visitar Balbina. Quando eu cheguei ao aeroporto do Amazonas, veio um jornal e, na primeira página, a manchete era a seguinte: “Lula cai mais um ponto. Fica com 1,75”. Como ainda faltava muito tempo para a campanha, eu falei: bom, se eu cair mais um ponto até chegar à campanha, sairei devendo. Eu sei dever dinheiro, eu sei dever favor, mas eu não tinha aprendido a dever pontos para o Ibope.

E qual não foi minha surpresa quando o companheiro João Amazonas falou: “Lula, a gente não pode fazer uma campanha como a nossa, com um operário sendo candidato a presidente, tentando agradar a todos os segmentos da sociedade. Eu acho que nós temos que demarcar – como diria, Luciano, o



nosso querido João Paulo, de Recife - demarcar o nosso campo de classe, e fazer a nossa campanha um pouco mais radicalizada, dirigida especialmente para o público que nos conhece, que nos respeita”, que eram os trabalhadores organizados da sociedade brasileira. E assim o fizemos, e assim fomos para o segundo turno, e assim quase ganhamos as eleições em 1989.

De lá para cá, eu tive dezenas e dezenas de reuniões com o João Amazonas. Eu tive o privilégio de ter reuniões com o Amazonas, com o Brizola, com o Arraes. E o João Amazonas, que durante tanto tempo era vendido como se fosse um homem extremamente sectário, era um homem que apaziguava as brigas entre Brizola, eu e Arraes, as divergências. E passei – e aí o Renato já se lembra – a fazer as reuniões com o João Amazonas na sede do PCdoB e definimos que as relações entre PT e PCdoB precisavam se transformar em uma coisa mais profunda, cada partido respeitando a identidade do outro, cada partido respeitando a soberania das decisões, dos diretórios e dos encontros de cada partido, mas nós tínhamos que estar juntos na maioria das lutas que nós fizemos neste país.

Obviamente que eu não poderia deixar de agradecer ao PCdoB por ter vindo junto comigo em 1994, uma campanha extremamente difícil, em que nós perdemos a eleição para um plano econômico, e a maior aliança que a direita já conseguiu fazer neste país. Mesmo assim, crescemos um pouco com relação a [19]89. Não posso deixar de agradecer ao PCdoB por ter vindo junto comigo em 1998, talvez a campanha mais dura que eu já fiz na minha vida, porque eu sabia que era praticamente impossível de vencer. Já tínhamos o discurso pronto e, ainda assim, o PCdoB acreditava que tinha que estar junto comigo em [19]98. E era justo que nós estivéssemos juntos em 2002. E quero aqui dizer que, pelo menos publicamente eu não conheço, mas dentro do meu partido tinha gente que achava que eu não deveria ser candidato em 2002, e no PCdoB eu nunca vi ninguém com dúvida de que eu deveria ser o candidato em 2002. Bem... teve gente que até disputou comigo, sem que eu disputasse.



Bem, depois veio o mandato. Deus queira que muitos operários neste país um dia cheguem à Presidência da República, porque a gente descobre o que é a responsabilidade de um cargo quando você quer fazer um governo sério. Quando a gente está do lado de fora – e eu estive a vida inteira do lado de fora – a gente pode achar as coisas... Normalmente, um companheiro de oposição fala: “Eu acho isso, eu acho aquilo, eu acredito nisso, eu acredito naquilo, eu penso isso, eu penso aquilo”. Quando você se senta naquela cadeira, você decide ou não decide. Você não tem muito “trelélé”, e ainda depois você tem que olhar para a correlação de forças estabelecida dentro do Congresso Nacional. E, além disso, você tem que olhar para as instituições que nós mesmos criamos e fortalecemos, achando que nunca íamos ser governo e era preciso criar instituições de fiscalização poderosíssimas, porque a gente sempre achou que não ia chegar ao governo e, então, era criar dificuldade para os outros.

O Renato já me conhece bem, o Aldo Rebelo que conviveu comigo muito tempo, o companheiro Orlando Silva, eu sou um homem de muita paciência. Ninguém me faz tomar uma decisão com raiva, e não sou homem de carregar mágoa por mais de cinco minutos. Ninguém me faz ficar com raiva por mais de cinco minutos. A minha raiva é até o momento da explosão de falar um palavrão. Passou aquilo, acabou. O mandato não permite que a gente fique brigando por coisas secundárias, porque é muito curto um mandato. Vocês vão ver como é difícil esperar quatro anos na oposição, mas como passa rápido quando a gente é governo, ou seja, a gente nem vê. Eu achei que estava ainda no primeiro mandato, estava até pensando que eu ia fazer o segundo mandato e já estou para terminar o segundo mandato, ou seja, não tem... É muito, é muito rápido, e as decisões têm que ser tomadas, eu diria, de forma precisa, cautelosa e de forma madura. Eu estou dizendo isso por quê? Porque mais uma vez, eu quero agradecer aos companheiros do PCdoB, e eu sei que o PCdoB teve fissuras internas. Conheço as divergências dentro do PCdoB, no



auge da crise em 2005, quando também dentro do PCdoB, alguns companheiros achavam que era mais fácil deixar a canoa de lado e tentar ir para outra direção. E a direção do PT, de forma convicta, assumiu o compromisso de que nós éramos o governo do PCdoB e o PCdoB estava no governo, portanto, não tinha que ter frescura, tinha que sair para a luta e enfrentar quem estava nos enfrentando.

E obviamente que eu teria agradecer ao movimento sindical, ao movimento dos sem terra, aos setores da igreja católica, ao movimento social. Agradecer a parceria extraordinária que a UNE teve comigo em todos esses sete anos de governo, em todos os momentos, quando uma pequena burguesia que tem tudo o que quer neste país era contra o Reuni, quem estava junto conosco era a UNE para garantir que as pessoas mais pobres tivessem universidade. Quando meia dúzia, quando meia dúzia de filhos de grã-finos atacava o ProUni dizendo que o governo estava dando dinheiro para a universidade particular, quem teve a coragem, e hoje pode sorrir com orgulho, chegaremos ao fim de 2010 com 570 mil, 720 mil alunos pobres da periferia, dos quais 40% negros, sendo doutores neste país.

Eu disse na última... no Congresso da UNE: às vezes a gente tem vergonha de defender as coisas. Eu fui dirigente sindical muito tempo, Renato, e às vezes a gente fazia uma pauta de reivindicação, e a gente fazia com medo de que o patrão aceitasse, porque se ele aceitasse, como é que pode o patrão aceitar a minha pauta de reivindicação? Então, a gente fazia um absurdo. Eu vi o Batista aqui, meu grande companheiro Batista. Naquele tempo eu pensava que era (incompreensível) só, mas depois fiquei sabendo que era do PCdoB. Ele participava das assembleias conosco lá em São Bernardo do Campo. A gente pedia 120%, 180%, 170%. Chegou um momento em que a gente decidiu: vamos pedir o mais próximo do possível, para que cada conquista nossa seja compreendida como uma vitória. Quando a gente pede 180% e ganha 30% é uma derrota. Mas se a gente pede 35% e ganha 30% é uma baita de uma



vitória. E com essas coisas nós mudamos a cara do movimento sindical brasileiro.

Eu me lembro que quando eu entrei no sindicato, os companheiros do Partidão diziam assim para mim: “Olha, você vai entrar... Olha, você não vai conseguir fazer nada porque isso é um círculo em que você roda, roda, roda, cai sempre no mesmo lugar. Você... a estrutura sindical é cópia fiel da “Carta del Lavoro”, de Mussolini, portanto você não pode fazer nada”, e não sei das quantas, tal, aquele negócio todo. Então, eu falei: Acho que é possível mudar. E o Batista se lembra. A primeira mudança que nós fizemos no movimento sindical que é, na minha opinião, a mais profunda mudança, é que nós decidimos que não era o sindicato que tinha... [que não eram] os trabalhadores que tinham que vir à sede do sindicato. Eram os dirigentes sindicais que tinham que amanhecer na porta de fábrica, ir à noite na porta de fábrica, ir na hora do almoço, para que a gente pudesse motivar os trabalhadores a acreditarem no movimento sindical. E todo mundo que militou sabe que, em poucos anos, a gente mudou a história do movimento sindical brasileiro. A gente mudou, eu acho que para melhor porque as conquistas que o movimento sindical teve de lá para cá foram muito grandes. Agora, obviamente que é preciso se organizar muito mais para dar outros passos importantes.

Também quero agradecer a compreensão dos companheiros do PCdoB que foram meus ministros. Eu sou muito grato, porque tem uma característica que é imprescindível em um homem ou em uma mulher, que é o caráter e a seriedade das pessoas, e a lealdade das pessoas no cumprimento das suas funções. Isso é uma coisa de que eu não abro mão. Se é para você ter um companheiro desleal, é melhor ele virar seu inimigo logo. Companheiro que é companheiro de verdade, na dúvida ele está do teu lado, não vacila. Eu acho que o PCdoB, embora tenha tido uma ou outra decepção, talvez por outras razões, a verdade é que o PCdoB foi exemplar nesses sete anos do meu governo.



Portanto, Renato, eu não poderia deixar de vir aqui agradecer, agradecer do fundo do coração a todos vocês e, obviamente, com uma certa tristeza porque vai ser a primeira eleição para presidente da República que o meu nome não vai estar na cédula. Vai ter um vazio, na minha cabeça vai ter um vazio. Por isso, depois dele, a Dilma, para a gente poder consagrar a continuidade de um projeto.

Prestem atenção que essa coisa é muito séria. Quem é prefeito e quem é governador de estado sabe perfeitamente bem que um estranho no ninho pode desmontar tudo o que foi feito em apenas dois anos, pode desmontar. E não venham me dizer que o movimento popular não deixa, que isso é bobagem. Eu não estou falando para gente ingênua. Eu estou falando para um partido de quadros, para um partido que tem gente muito bem formada e muita experiência. Não vamos acreditar nessa de que o movimento popular vai lá e segura. Não segura. Se as instituições do Estado resolverem acabar, eles vão acabar. Por isso, a continuidade é extremamente importante. E eu digo isso sem querer inibir ninguém, é por bravata.

Eu me lembro na greve da Scania, em 1978, quando o pessoal voltou a votar, eu fui para a porta da fábrica e dizia: Porque nós vamos continuar essa greve. Era só eu e o microfone. Ninguém votou a continuar a greve. Se tem uma coisa que é inteligente, é a classe operária. Tem alguns intelectuais no Brasil que acham que a classe operária é massa de manobra. Alguns setores de esquerda, inclusive, achavam que tinha que infiltrar estudantes dentro da fábrica ou o operário não sabia pensar. Acabou esse tempo, acabou. A classe operária sabe pensar, sabe formular suas opiniões e sabe brigar na hora em que tem que brigar. Não se iludam que... acabou esse tempo. Acabou o tempo do castramento, em que a vanguarda achava: “o proletário não vai saber nada, o camponês não vai saber nada”. Nós sabemos tudo. Obviamente que nós não temos a sapiência dos sociólogos ou de alguns, porque...

Nesta semana ainda, nesta semana eu fui chamado de analfabeto, nesta



semana eu fui chamado de ditador porque indiquei a Dilma pelo “dedaço” e nesta mesma semana eu ganhei o título de “estadista do ano” na... Eu compreendo, eu compreendo o ódio que isso causa. Eu compreendo, porque um intelectual ficar assistindo a um operário que só tem o quarto ano primário – e não tenho vergonha de dizer – ganhar tudo o que ele imaginava que ele pudesse ganhar e não ganhou por incompetência, é muito difícil. É muito engraçado, porque tem gente que acha que a inteligência está ligada à quantidade de anos de escolaridade que você teve. Não tem nada mais burro do que isso. A universidade te dá conhecimento, te dá aperfeiçoamento. Inteligência é outra coisa, é outra coisa, e a política é uma das ciências que exige mais inteligência do que conhecimento, muito mais inteligência. A inteligência de saber montar uma equipe não está num livro, está na sensibilidade. A inteligência de tomar as decisões não está num livro, ela está no caráter e no compromisso que tenha o dirigente que governa este país ou uma cidade.

Mas de qualquer forma, a vida é assim. As pessoas falam o que querem, ouvem o que não querem. É, porque a vida é assim, a vida é dura. O que as pessoas não percebem é que, diferentemente, de qualquer outro presidente do Brasil, este país... um presidente nunca precisou provar nada, porque não precisava. A elite não tem que provar. Sai um, não deu certo, entra outro. Sai outro, não deu certo... Todos vão fazer um curso de dois, três anos lá fora. Voltam, com a maior cara de pau se candidatam outra vez. Eu, eu tenho que provar a cada dia, desde que eu nasci. A cada dia eu tenho que provar que nós temos competência. E por que eu tenho que provar? Porque eu sei o fracasso do Walesa na Polônia. Foi eleito presidente da República, e foi concorrer, teve 0,6% (incompreensível). Zero, menos que 1%. E eu tenho clareza – e tinha clareza, e o PCdoB sabe disso – que se nós fracassássemos, ia levar mais 150 anos para um operário pensar em ser candidato a presidente da República deste país.



É por isso que eu fui em uma reunião dos catadores de papel, aqui em São Paulo, no congresso deles – expocatapapel [Expocatador], um negócio mais ou menos assim, uma feira extraordinária – e eu tenho a coragem de olhar na cara de um catador de papel e dizer: você, meu companheiro catador de papel, você pode ser presidente da República deste país. Porque nós vamos deixar um legado para isso. Obviamente que a gente não pode fazer como alguns ultraesquerdistas fazem, achar que é só pegar e colocar. Não. A pessoa tem que estar politicamente respaldada.

Eu, até hoje, Renato, acho que foi bom ter perdido tantas eleições. Eu fico pensando se eu tivesse ganho as eleições em [19]89. Com a minha cabeça e com a nossa cabeça, ou a gente fazia logo uma revolução, ou nós éramos tirados em trinta dias daquilo ali, porque chegar ao governo não é chegar ao poder. É preciso fazer uma distinção muito grande, porque tem instituições poderosíssimas. Então, é importante que a gente tenha isso.

Vocês estão lembrados, queriam que eu batesse no Evo Morales. O que o Evo queria? O gás que era dele. O que eu podia fazer? Dizer: Evo, o gás é teu. Eu, eu poderia, eu poderia ter feito uma bravata com o Evo, já que a Bolívia é um país menor, mais pobre, dependente, eu poderia ter feito uma bravata. Mas eu não conseguia enxergar como um metalúrgico de São Bernardo iria brigar com um índio da Bolívia, não, não. Eu até dizia, eu queria brigar com um cara do tamanho do Bush, mas ele virou meu amigo, nunca precisei brigar com ele, nunca.

Agora, por último, tentaram inventar uma briga do Brasil com o Paraguai: “porque o Lula é frouxo, o Lula está cedendo, porque o Lula não sei das quantas, tem que engrossar com o Paraguai.” Meu Deus do céu, como é que um país do tamanho do Brasil, da riqueza do Brasil, vai brigar com o Paraguai? Seria uma coisa desumana. Eu preferi construir um acordo com o companheiro Lugo, um acordo que possa permitir ao Paraguai ter a chance de se desenvolver, ter a chance de crescer. Isso vai custar um pouco mais para o



Brasil, mas é assim que nós temos que fazer.

A construção da Unasul. Vocês pensam que é fácil a convivência democrática na diversidade, nessa nossa querida América do Sul? Nós temos problemas sérios. E o Brasil não pode agir como se quisesse ter hegemonia, o Brasil tem que ser o maior símbolo da parceria, do companheiro mais velho, do companheiro que tem capacidade de chamar o outro para conversar e falar: companheiro, vamos devagar! Você fala uma palavra mais pesada, ofende o outro, o outro ficar ofendido, isso não dá certo; até no meio da molecada, dá briga. Vamos tentar contemporizar. E, assim, nós já propusemos o Conselho de Defesa. E por que nós queremos o Conselho de Defesa? E por que nós queremos o Conselho de Combate ao Narcotráfico? Porque aí nós vamos dizer para o Obama: querido companheiro Obama, nós não precisamos mais de base militar americana para combater o tráfico na América do Sul. Vamos nós, vamos nós cuidar do combate ao narcotráfico na América do Sul, nos nossos rios, nas nossas fronteiras. Vá cuidar dos consumidores, em outro lugar. Assim, assim fica mais fácil, assim o mundo fica melhor, e a gente pode construir... Acabamos de construir o Banco do Sul. Estamos apenas esperando que os Congressos dos países aprove o Banco do Sul para que a gente tenha o nosso Banco Mundial aqui dentro, o nosso BNDES. E vamos criar outras coisas, mas tudo isso tem que ser com o tempo, porque cada país tem a sua cultura, tem a sua história, cada Congresso pensa de um jeito. Não adianta a gente chegar, numa hora, e falar: “vamos criar isso.” Não cria. Cada país tem que ser entendido como ele é, com a sua história.

Mas nós estamos fazendo, e eu acho que estamos fazendo rápido. Estamos fazendo, eu diria, até mais rápido do que eu imaginava que a gente pudesse fazer. E vamos continuar consolidando isso. A nossa integração com o continente africano, eu lembro como a imprensa dizia: “o que o Lula vai fazer na África? Só país pobre”. Só faltava falar “pobre e negro.” Não falavam, só falavam “pobre”. Ora, eu tinha noção de uma coisa, companheiros. Vocês já



viram um mascate vendendo coisas na Avenida Paulista? Não, o mascate vai vender na periferia, onde tem pessoas que podem negociar em igualdade de condições.

Se vocês pegarem a balança comercial do Brasil com o mundo rico, ela é estável, há muito tempo ela não cresce. Onde é que cresceu a balança comercial do Brasil, de ida e vinda? Com a América do Sul, com a América Latina, com a África, com os Países Árabes e com a Ásia, e nós temos um superávit imenso. O Samuel Pinheiro sabe, todos os dias eu faço discurso, gente. Uma política de relação comercial não é boa quando o Brasil só produz... só vende. É preciso comprar, para ter um equilíbrio. A Venezuela chega a ter um déficit comercial conosco de US\$ 5 bilhões. Eles não têm nada para vender para a gente, nada. Nós, agora, estamos concluindo a Refinaria Abreu e Lima para a gente poder comprar o petróleo deles, para poder equilibrar. Nós estamos ensinando a plantar soja, a criar frango, a criar gado, a criar búfalo. Nem ovo eles produzem. Nós estamos ajudando. Estamos mandando uma cadeia produtiva... sete cadeias produtivas de alimentos para ajudar. Está lá a Caixa Econômica para ajudar a fazer casa popular na Venezuela. Está lá a ABDI para ensinar a fazer indústria. E assim é que é o papel do Brasil. Esse é o papel de um país do tamanho do Brasil.

Há 30 anos a doutrina americana para a América Latina era de que o Brasil era um império e que eles deveriam ter medo do Brasil. O Chávez conta para mim todos os dias que ele era professor da Academia Militar. Então, ele recebia os professores americanos, que diziam: “vocês têm que ter cuidado com o Brasil. O Brasil é um império”. E era assim. Então, o Brasil precisa construir uma relação de confiança, e é o que nós estamos fazendo, construindo uma relação de confiança que possa permitir que este país cumpra com o papel histórico que ele tem que cumprir.

E aí, companheiro Renato, eu não vou falar do governo porque eu, quando chegar no final do ano que vem, eu quero fazer uma prestação de



contas. Todo ministro sabe, Orlando, Tarso Genro, todo mundo sabe que vai ter que ir em cartório registrar. Tudo o que foi feito nesses sete anos eu quero registrado em cartório, cada obra feita, cada obra não feita, cada centavo aplicado, por uma razão simples: é que eu quero criar um novo paradigma neste país.

Veja que absurdo: é exatamente um país governado por um presidente analfabeto e um vice-presidente analfabeto – eu e o José Alencar não temos diploma universitário – que vamos terminar o nosso mandato sendo o governo que mais investiu na Educação neste país. Ao todo, serão 14 universidades federais novas, uma universidade que só falta passar no Senado, que é a afrodescendente. Vai ser feita na cidade de Redenção, no Ceará, onde começou a luta pela libertação, [com] metade de alunos africanos e metade de alunos brasileiros. A outra será a universidade da América Latina, também [com] metade latino-americanos e metade brasileiros, com currículo latino-americano, professor latino-americano, não vai ser uma coisa só do Brasil. O que eles não suportam, companheiros, é que em apenas oito anos nós estamos fazendo uma vez e meia o que eles fizeram em um século, de universidade... de escolas técnicas neste país. São 214 em oito anos, contra 140 em 93 anos de vida. Eu sei que isso é intragável.

Mas a minha vida é assim. Eu, quando fui eleito presidente do sindicato, não era para eu ser presidente do sindicato. Eu acho que eu era o mais fraco. Tinha um cara que era esperto e ele sabia que o resto era mais fraco. Todas as vezes ele falava assim para nós: “Eu vou sair do sindicato, alguém vai ter que assumir”. Ninguém falava nada. A fábrica dele tinha mudado, então ele falava: “bom, eu vou ficar, ninguém quer assumir”. Aí, na outra reunião, o cara falava: “Olha, eu vou ter que deixar o sindicato, vocês têm que escolher alguém para assumir no lugar”. Ninguém assumia, e ele falava: “Então, eu vou ficar”. Aí, quando foi um dia, eu falei: Sabe de uma coisa? Deixa ele falar hoje. Aí ele chegou na reunião: “Olha, vocês estão sabendo: está se aproximando o dia da



eleição, eu vou ter que deixar o sindicato, alguém tem que assumir”. Eu falei: Eu assumo.

Bem, e essa pessoa deixou eu assumir achando... Eu não falava, eu tinha medo de microfone. Só de anunciar o meu nome, eu começava a tremer as pernas. Tem gente aqui que é assim. Nem todo mundo é [como] esses meninos espertos da UNE, que falam, falam, falam. Eu sei que aqui tem gente que também treme, eu sei. Mas essa pessoa, essa pessoa... Eu fui eleito presidente do sindicato – acho que o Batista já estava lá na época – e essa pessoa era tão esperta, que ele colocou a sala dele na frente da minha. Então, todo mundo que ia falar comigo, falava com ele primeiro, sobretudo a imprensa. E no outro dia eu lia no jornal: “fulano falou tal coisa”. E o coitadinho do presidente, nada. Até que um dia eu reuni a diretoria e falei: companheiros, o negócio é o seguinte: não tem mais sala aqui. Agora só dá entrevista o presidente do sindicato, eu agora vou falar. Aí vieram as greves de [19]78, eu virei o “dono da cocada”.

O Fernando Henrique Cardoso, eu tenho a convicção absoluta de que ele tinha certeza de que nós seríamos um fracasso e que ele poderia voltar, por conta do meu fracasso. É isso que magoa. Então, eu lamento porque o mundo não deveria ser assim. A gente, quando perde uma coisa, a gente tem que torcer para o outro fazer. Esse negócio de ficar como jogador de bola... Jogador de bola é assim: o cara está no banco de reserva. Aí vai o repórter perguntar “como é que você está se sentindo aqui?”, e ele fala: “eu estou bem. O professor disse e Deus quer, o fulano de tal está bem”. Mas no fundo, no fundo, ele está torcendo para que aconteça uma unha encravada no titular, para ele voltar a assumir. É uma coisa da... Não é, Netinho? Um artista, quando está famoso, fazendo sucesso, que cai o sucesso, a gente fica sentido. É preciso aprender a viver com isso, e tem alguns que não aprenderam a conviver.

Eu espero dar uma lição quando eu deixar a Presidência da República,



porque eu tenho consciência de que o meu papel é permitir que quem me substitua, governe o seu governo, crie o seu estilo, mostre a sua cara e faça o que tiver que fazer, porque “rei morto, rei posto”. Vou voltar a ser militante, quem sabe militar junto à UNE aí. Quem sabe eu faça um ProUni, a UNE me aceite nos seus quadros e eu vou gritar o tanto que grita esse menino aí.

Para terminar... Acho que é o (incompreensível), acho que é mais fácil. Mas deixa eu contar a última coisa para vocês. Eu gostaria que os militantes do PCdoB, do PT, do PSB, do PDT, e dos partidos da base, da CUT, das centrais sindicais comessem a analisar corretamente o que está acontecendo no Brasil. Primeiro, porque se depender de certos meios de comunicação no Brasil, vocês nunca vão saber de nada, nunca. Eu vou te dar um exemplo. Eu peguei duas manchetes agora, que eu não quero nem saber de que jornal são. Pedi até para cortar, para eu não ver. Uma manchete diz assim: “Contra Lula, PSDB treina cabos eleitorais no Nordeste brasileiro”. Ou seja, é um pouco o que Hitler fazia para os alemães pegarem os judeus: vamos treinar gente para não permitir que eles sobrevivam. Ora, aqui em São Paulo já teve modelo de carta, de cartilha contra o PT. Aqui já teve, e é uma coisa absurda porque é você ferir qualquer regra do debate político. Mas, de qualquer forma, eu acho importante só lembrar que é assim. A outra manchete, que me deixou indignado, e [com] essa eu fiquei nervoso... A outra eu fiquei com pena, a outra eu fiquei com pena, porque eles vão lá, vão encontrar gente do PCdoB, vão encontrar gente do PT, vão encontrar gente do PDT, do PSB, da CUT, de todas as centrais sindicais, do MST, do movimento popular, e eu acho que eles vão se dar um pouco mal. Então, eu quero que eles vão devagar: cuidado com as aulas.

A outra, que eu vi aqui, é a seguinte: ONU cobra do Brasil meta de emissão de gases de efeito estufa”. Eu acabei de falar para vocês que eu sou um homem de paciência. Mas eu, agora, virei especialista nessas coisas aqui, sobretudo em ONU. E a ONU não tem condição política de cobrar do Brasil um



milésimo. Primeiro, porque eu estou pedindo para a ONU, desde o encontro do G-13 em Tóquio, que a ONU criasse uma instituição e que tivesse um único número para que todo mundo trabalhasse com uma única referência, que fosse uma espécie de PNUD que aferisse a emissão de gases de efeito estufa por cada país, para a gente não ficar trabalhando com números megadiversos, e que a gente trabalhasse apenas com um número. Ela não fez isso. Segundo: se quiserem discutir a sério a questão em Copenhague, o Brasil está totalmente disposto, eu estou disposto a ir a Copenhague. Agora, é importante que quem emite mais, assuma mais responsabilidade. País que é industrializado há 200 anos não queira cobrar igualdade com o Brasil, não. Nós temos 85% da nossa energia elétrica limpa e renovável, nós temos 47% da nossa matriz renovável. A Inglaterra só tem 2% da sua matriz energética limpa. Quem mais emite gases de efeito estufa são os nossos amigos americanos, e há muito mais tempo. Então, o Brasil está disposto, eu já assumi no dia 23 de setembro, na ONU, assumi um compromisso que é um megacompromisso, de a gente diminuir o desmatamento em 80%, até 2020. Assumi esse compromisso.

O Brasil tem o etanol, e estamos dizendo para eles: querem diminuir as emissões? Façam como o Brasil, misturem etanol na gasolina de vocês. Nós, a partir de 1º de janeiro, vamos começar a utilizar B5 no óleo diesel. Mudem a matriz energética de vocês. Não venham cobrar do Brasil, pelo amor de Deus, porque o Brasil quer participar, o Brasil vai ter proposta. Mas o Brasil quer, em primeiro lugar, dizer ao mundo que não venham propor a criação de um fundo para dar um fundo para os países emergentes, para a gente não se desenvolver, e eles continuarem com o mesmo padrão de consumo que eles têm e emitindo a mesma quantidade de gases de efeito estufa que eles têm.

Não tinha uma música que dizia “nós não queremos só comer, nós queremos cultura, queremos arte, queremos ter tudo”? Nós queremos ter os mesmos bens materiais que eles têm. Não me peçam para fazer com que 25



milhões de habitantes na Amazônia vivam por conta das muriçocas, eles querem desenvolvimento, eles querem se industrializar, eles querem ter carro, ter televisão, ter telefone. Ou será que alguém pensa que a gente vai transformar a Amazônia em um santuário da Humanidade? Nós vamos, da forma mais responsável. E já está aprovado no Plano Amazônia explorar da forma mais correta possível, porque nós não sabemos ainda 10% da riqueza que a biodiversidade apresenta na Amazônia. É preciso descobrir, e nós vamos descobrir.

Agora, acabou o tempo em que vinha uma ONG do exterior ou alguém do interior colocar o dedo no nariz do Brasil. Eu disse na FAO, no ano passado: não coloquem, não apontem o dedo sujo de vocês no combustível limpo do meu país. Não façam isso, não façam isso porque nós estamos dispostos a levar essa briga até as últimas consequências, porque nós temos responsabilidade com o Planeta. Mas nós queremos que os que poluem mais, os que emitem mais gases, sejam responsáveis pelo maior pagamento, para diminuir as suas emissões de gases.

Eu, por exemplo, fiquei com a incumbência de ligar nesta semana para o Obama, para ver se ele vai a Copenhague; de ligar para o meu amigo Hu Jintao para ver se ele vai a Copenhague; de ligar para o meu amigo, o primeiro-ministro Singh, para ver se ele vai a Copenhague. Ô Aurélio, você viu como eu estou chique? Em 78 era difícil falar com deputado, em Brasília. Agora, eu estou falando com o meu amigo Obama, meu amigo Hu Jintao, meu amigo Singh, uma evolução extraordinária que a classe operária teve. E foi graças à minha ida ao Congresso Nacional, em 78, procurar apoio para uma lei que o Arnaldo da Costa Prieto queria fazer, criando as categorias essenciais que não poderiam fazer greve, que eu encontrei lá dois deputados: o Benedito Marcílio e o Aurélio Peres. Eu falei: não é possível, a classe operária não tem futuro se só tiver dois deputados, no meio de quinhentos. Foi daí que surgiu a idéia de criar o PT e, sinceramente, não me arrependo. Hoje nós temos, entre



todos os partidos, quase 200 deputados e, se Deus quiser, poderemos construir ainda maioria.

Portanto, meu companheiro, eu fui fazer um debate para os empresários ingleses lá na City. Você sabe o que é City? City é o lugar mais chique, é o miolo do sistema financeiro mundial, hoje. É chique, vocês não têm noção do que é chiqueza. Por isso é que se chama City. Eu fui lá fazer um debate. A Dilma fez um discurso pequeno, de uns 45 minutos, falou do PAC I, PAC II, PAC III. Ela já começou a criar PAC que nem tem ainda, já para 2040. Mas aí eu chamei a atenção dos empresários para que eles atentassem para algumas coisas que estão acontecendo no Brasil, que a gente não sabe. Vocês não sabem, eu fico sabendo porque eu cobro todo dia, me reúno com os ministros, a imprensa nem sempre divulga, porque também acho que não sabe, e fica um país analfabeto das coisas que estão acontecendo aqui, internamente.

Mas eu dei um exemplo importante, que é o seguinte: o programa Luz para Todos. Vocês têm dimensão do que é o programa Luz para Todos? Eu vou dar um número para vocês. O programa Luz para Todos atingiu, no mês passado, 2 milhões e 100 mil casas com luz elétrica. Falando assim, parece pouco, mas esses 2 milhões de casas compraram 1.578 televisores; compraram 1.447 geladeiras; compraram 988 mil aparelhos de som, sem falar em liquidificador, casa de farinha, televisão e outras coisas, apenas isso. Mas o que é mais importante? É que esse programa já consumiu 906 mil quilômetros de fios; 906 mil quilômetros de fios dariam para enrolar a Terra 21 vezes. Nós já colocamos 4 milhões e 474 mil postes e já utilizamos 729 mil transformadores. Quando eu recebi esses números eu não queria crer, porque eu fico imaginando um poste em cima do outro, ou seja, os americanos poderiam, em vez de fazer avião, vir aqui pedir para nós para subir em nossos postes e chegarem à Lua. E isso, companheiros, a iniciativa privada não faria, ela não faria porque uma ligação no Amazonas, hoje, está custando quase R\$ 7 mil por casa, US\$ 3,5 mil. E se fosse o mercado que tivesse que fazer, o



mercado não faria porque não seria economicamente viável. O Estado tem que fazer porque é economicamente justo e necessário, porque todos os brasileiros têm que ser tratados em igualdade de condições.

Uma coisa, Renato, para você utilizar no seu discurso. É o seguinte, são números que eu acho bonitos. Ô Renato, em 2009 o Banco do Brasil, sozinho, tem todo o crédito disponível que o Brasil inteiro tinha em 2002. Preste atenção: somente o Banco do Brasil, hoje, tem a mesma quantidade de dinheiro que o Brasil inteiro tinha para emprestar em 2002. A Caixa Econômica Federal, hoje, atingiu R\$ 300 bilhões na poupança. E o crédito consignado, querido Aloizio Mercadante, atingiu a soma de R\$ 103 bilhões emprestados para pessoas que, até outro dia, não tinham acesso a bancos, R\$ 103 bilhões. Os tratores que nós colocamos à venda para a agricultura familiar, hoje representam 78% da venda de tratores de até 78 cavalos neste país. Dos 25 bilhões que nós disponibilizamos para a agricultura familiar, 16 mil tratores já foram comprados. Qual é a demonstração? É que faltava disposição política e [havia] falta de definição de prioridades.

Este país, companheiros, eu não tenho dúvida nenhuma de que falta muita coisa para fazer. Possivelmente, vá ainda mais uma geração, para a gente poder fazer a transformação que precisa ser feita no país. Alguns países fizeram revoluções e não conseguiram fazer a transformação. O resultado final foi muito ruim. Nós estamos fazendo uma coisa que eu chamei estes dias de revolução silenciosa, junto ao povo pobre deste país. Eu me lembro quando alguns companheiros, às vezes até cheios de razão, porque dependia muito da quantidade de livros que tinham lido, que diziam que o Bolsa Família era uma esmola. É verdade. Para quem consegue comer em um restaurante, tomar uísque e dar R\$ 100 de gorjeta, R\$ 100 do Bolsa Família é uma esmola. Mas para uma mãe que tem três ou quatro filhos, e ela consegue pegar R\$ 100 e levar para casa na forma de feijão, de arroz, de leite e de pão, é um benefício incomensurável para a parte mais pobre deste país.



Quero terminar dizendo aos companheiros do PCdoB, que eu tenho a plena convicção de que se não fossem os prefeitos do PCdoB tirando muito dinheiro do governo federal... o Renildo nem tomou posse e já quer que eu “tape” todos os buracos de Olinda, a Luciana pegou o dinheiro... tapou os buracos? Porque o Renildo está precisando de dinheiro para os buracos, lá. O Edvaldo está deixando Aracaju que parece Paris, e o “bicho” quer mais dinheiro ainda. Eu quero dizer que todas essas conquistas nossas, em qualquer lugar do mundo em que eu estiver, eu tenho clareza de que é uma conquista do nosso governo junto com o PCdoB, PSB, PDT, PMDB, junto inclusive, dos movimentos sociais, até daqueles que vivem, às vezes, quase sem aparecer. Não é uma coisa de um presidente, de um partido ou apenas de um governo, é um movimento que essa sociedade está criando, é um movimento.

Eu tive uma cena, agora, a Dilma estava comigo, no canal do São Francisco. Eu gostaria que os críticos fossem visitar o canal do São Francisco, sobretudo quem é do Nordeste. Vá, e depois vamos ter uma conversa. A água não está jorrando ainda, mas logo, logo ela vai jorrar. São 642 quilômetros de canal, e é uma obra de causar inveja a qualquer governante do mundo. Mas o que eu vi de especial lá? Uma mulher chamada Eliane, mãe solteira. Ela não tinha nada na vida, a não ser três filhas, e o marido foi embora. Essa mulher, quando o canal chegou, que chegaram os homens do Exército para trabalhar, essa mulher tomou R\$ 50 emprestados com um afilhado dela, fez pastel e foi vender para os soldados. Vendeu tudo no dia, comprou mais e vendeu. Passou a ganhar R\$ 40 ou R\$ 50 por mês. Foi ganhando tanto, que o comandante das obras lá perguntou se ela não poderia fazer refeição para todo mundo. Ela passou a servir quatrocentas refeições por dia. Hoje essa mulher, orgulhosamente, em um ano e meio, tem um carro, uma moto, os filhos estudando, e ainda disse para mim, com muito orgulho: “paguei R\$ 5 mil de Imposto de Renda este ano”. E o presidente da República recebeu uma devolução de R\$ 5 mil. É uma coisa extraordinária. E quantos exemplos estão



acontecendo neste país, assim? É coisa que a gente não sabe. Certamente, quem está na periferia sabe. Hoje nós estamos investindo em um bairro de Recife, em um bairro de Aracaju, em um bairro de São Paulo, em um bairro do Rio de Janeiro, em um bairro de Fortaleza, em um bairro de Salvador, e em qualquer estado, nós estamos investindo em saneamento básico, em um bairro de qualquer capital... Manaus, Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul, nem se fala, porque a Dilma, como a “mãe do PAC”, é tudo para o Rio Grande do Sul. Eu estou até tentando fazer uma fiscalização lá, para saber se ela é candidata a governadora ou outra coisa.

Mas de qualquer forma, só para dar um dado para vocês: nós estamos gastando hoje, em cada capital, no mínimo três vezes de tudo o que foi gasto no ano de 2002, quando nós chegamos ao governo. Sabe quanto foi gasto em saneamento básico em 2002 inteiro, o ano inteiro? R\$ 262 milhões. Sabe quanto nós estamos gastando hoje? R\$ 34 bilhões. Ou seja, é isso que vai mudar a vida deste país. Porque houve um tempo em que a classe política brasileira, sobretudo a elite, gostava de fazer pontes, porque colocava o nome da mãe na ponte, o nome do pai, o nome da avó, o nome do parente. Em saneamento básico não tem como colocar nome, porque a manilha vai embaixo da terra. Mas o nosso orgulho é que a gente não vai ter o nome de nenhum parente, mas vai ter uma criança brincando na rua, sem pisar em esgoto a céu aberto, como tinha neste país.

Companheiros e companheiras,

Eu sou só agradecimento aos companheiros do PCdoB. Lamento profundamente que, como o PT, o PCdoB não tenha avançado - para não estragar o sábado e o domingo de um militante que quer namorar, que quer paquerar - em uma reunião (incompreensível). A coisa que mais me magoava no PT era sair em um sábado de sol, largar a minha mulher e o filho, e vir para uma reunião; e tome discussão, e tome discussão, e às nove horas da noite não estava concluída. Quando estava acabando, chegava um cara besta, como



o Netinho, e falava: “quero aparte aí, por uma questão de ordem.” E levanta o tema mais outra vez, e tome discussão. Eu pensava que ia ficar livre no sábado e não, terminava às onze horas da noite, chegava em casa, e a mulher brava! E aí a gente não podia falar, em um primeiro momento, que ia voltar no domingo: “amorzinho, eu estou cansado, eu estou quebrado, amorzinho”. Aí, levantava no outro dia, de manhã: “Onde você vai? Está se preparando cedo?” “Ah, amor, é que não terminou a reunião, eu tenho que ir.” A molecada toda chateada, porque queria pescar... Então, eu acho que o PC [do B]... o PT também ainda está assim, o PT ainda está assim. Eu acho que é importante, que sábado e domingo são dias de namorar, e de segunda a sexta é dia de fazer política e trabalhar.

Um abraço, e bom Congresso para os companheiros do PCdoB.

(\$211A)